

## RESSIGNIFICANDO APRENDIZAGENS NA MONITORIA POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS EXTRAMUROS À SALA DE AULA

Abda Medeiros<sup>1</sup>

Ana Sabrina Costa Oliveira<sup>2</sup>

Rodger Rennan Sousa Paixão<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir o contexto educativo sob a perspectiva do olhar, a apropriação e transformação na relação entre educador, monitor e educandos, a partir de uma determinada experiência no âmbito do *Programa de Monitoria* da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), especificamente na disciplina de *Metodologia Científica*, nos Cursos de *Administração e Enfermagem*, vivenciada pelos respectivos autores no primeiro semestre de 2016, durante uma aula de campo realizada no *Instituto do Museu Jaguaribano*. Os caminhos metodológicos traçados para a elaboração deste trabalho se inspiram na ideia de *experiência-ação* que, segundo Marconi e Lakatos (2003), referem-se ao ambiente experimentado pelos educandos, monitores e educadores. A relação sutil com a prática se apresenta por meio do diálogo com os autores Tardif; Lessard & Lahaye (1991), Freire (1987; 2007), Tardif (2002) e Farias (2013; 2015), despertando-nos para a reflexão sobre encontros acadêmicos em espaços que se tornam salas de aula, cuja lógica arquitetônica e de aprendizagem trazem em si dados alusivos aos modos de ser, pensar e agir dos indivíduos em um determinado contexto cultural. A participação no *Programa de Monitoria Acadêmica* da FVJ na disciplina de *Metodologia Científica* contribuiu significativamente na formação profissional e pessoal do acadêmico/monitor graduando, enfatizando que a construção dos saberes potencializa conhecimentos adquiridos, despertam para tantos outros que a estes se agregam, tendo na *educação das sensibilidades*, segundo Rubem Alves, o referencial transformador que mobiliza resistências nas formas de ser, pensar e agir dos sujeitos históricos.

**Palavras chaves:** Programa de Monitoria. Metodologia Científica. Educação das Sensibilidades.

---

1 Abda Medeiros é Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> de Antropologia e Sociologia da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), pesquisadora do Laboratório das Juventudes da Universidade Federal do Ceará (LAJUS/UFC) em uma parceria com a Rede Luso Brasileira de Pesquisa em Artes e Intervenções Urbanas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS). Além disso, Integra o Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação da Universidade Federal Fluminense, Campus Angra dos Reis (GECULTE/IEAR/UFF). É membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: [abdamedeiros@gmail.com](mailto:abdamedeiros@gmail.com).

2 Ana Sabrina Costa Oliveira é Graduada em Pedagogia na Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ) e foi Monitora da disciplina de Metodologia Científica durante o período 2016.1. E-mail: [sabrinavolley@gmail.com](mailto:sabrinavolley@gmail.com).

3 Rodger Rennan Sousa Paixão é Graduado em Enfermagem (FVJ), Técnico em Enfermagem pelo Pronatec/FVJ e foi Monitor da disciplina de Metodologia Científica no semestre 2016.1. E-mail: [rodger.sousa@gmail.com](mailto:rodger.sousa@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo refletir o contexto educativo sob a perspectiva do olhar, a apropriação e transformação na relação entre educador, monitor e educandos, a partir de uma determinada experiência no âmbito do *Programa de Monitoria* da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ)<sup>4</sup>, especificamente na disciplina de *Metodologia Científica*, nos Cursos de *Administração e Enfermagem*, vivenciada pelos respectivos autores no primeiro semestre de 2016, durante a aula de campo no *Instituto do Museu Jaguaribano*, localizado na cidade de Aracati a 150 km da capital Fortaleza<sup>5</sup>.

Pontua-se ao longo do texto, a significância do referido programa a nível institucional e profissional, tecendo identificações entre o Instituto, a Ciência e as demais formas de conhecimentos, além de focar as influências dos ideais de poder, classes sociais e formas de fazer política expressas no referido equipamento cultural. Por fim, este ensaio analisa os impactos pedagógicos que a participação no *Programa de Monitoria* da disciplina aqui citada, podem acarretar na formação dos docentes e daqueles que se dedicam à iniciação dessa modalidade, além de tecer considerações que não se encerram como enunciados categóricos a respeito das reflexões apresentadas.

Os caminhos metodológicos traçados para a elaboração deste trabalho se inspiram na ideia de *experiência-ação* que, segundo Marconi e Lakatos (2003), referem-se ao ambiente experimentado pelos educandos, monitores e educadores, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, sem esquemas rígidos de observação e anotações. Sob essa perspectiva, a relevância do caminhar com os educandos durante a atividade de campo, o ouvir e o registro ao longo desses deslocamentos, permite-nos apreendê-los como os espaços das memórias, dos registros e da consciência de algo como sendo alguma coisa, em um constante tatear, para futuramente, recolher-se do “tempo em campo” para o “tempo de reflexão e organização das ideias”. Incluem-se aqui, como fonte de análise, os trechos de trabalhos realizados pelos educandos ao longo da disciplina que nos permitem

---

4 O Programa de Monitoria da FVJ seleciona anualmente educandos dos mais diferentes cursos para exercerem a função de monitor, junto ao educador de determinada disciplina, mediante a solicitação deste à coordenadoria do programa. Os beneficiários recebem 20% de desconto na mensalidade vigente em cada curso. Mais informações: <http://www.fvj.br/institucional/monitoria-academica>.

5 Aracati é uma das cidades que compõe no Ceará, a conhecida Região Jaguaribana. Esta é composta pelos seguintes municípios: Russas, Aracati, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Jaguaruana, Tabuleiro do Norte, Quixerê, Icapuí, Jaguaretama, Alto Santo, Pereiro, Fortim, Iracema, Ibicuitinga, Jaguaribara, Palhano, São João do Jaguaribe, Itaiçaba, Ererê e Potiretama. Fonte: VACHER, Monsieur Grégory. Mesorregião do Jaguaribe. Cidade-Brasil, França, Nov. 2012. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-jaguaribe.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

pensar a escrita, a imaginação e as aprendizagens despertadas mediante aos encontros extramuros das instituições de ensino. Como forma de preservá-los, utilizamos nomes fictícios.

As observações em conjunto com partes das impressões produzidas pelos educandos em forma de síntese significam acima de tudo, conforme propõe Geertz (1978, p. 20), uma tentativa de ler um “manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” que só o encontro com um “outro” universo simbólico, ou então a desconstrução do *familiar* em *exótico* e *vice versa* possibilitam.

Numa relação sutil com a prática, a leitura pontual de autores como Tardif; Lessard & Lahaye (1991), Freire (1987; 2007), Tardif (2002) e Farias (2013; 2015), coloca-nos em contato com os referenciais para refletirmos encontros acadêmicos em espaços que se tornam salas de aula, cuja lógica arquitetônica e de aprendizagem trazem em si dados alusivos aos modos de ser, pensar e agir dos indivíduos em um determinado contexto cultural. Dessa forma, constrói-se a ideia de que a escola (no caso, a Faculdade), no sentido mais amplo, é o território movediço das trocas de saberes e práticas, na qual indivíduo e coletivo, o local e o global formam um todo perpassado de singularidades.

Inspirando-se em Freire (1987; 2007) e Farias (2013; 2015), percebe-se que a sala de aula e o que ela pode potencializar, conforme apresentado nas descrições e interpretação das experiências aqui descritas, transcendem o binômio ensino-aprendizagem, despertando a consciência crítica para ações que transformem, antes de tudo o educando e estimulem novos caminhos de conhecimentos, tornando estes em conjunto com os educadores e monitores, sujeitos históricos em linhas de fuga e itinerários potentes na produção de saberes e práticas. Além disso, conforme afirma Tardif (2002, p. 11), estes momentos orientam esses indivíduos quanto ao “seu futuro e sua relação com o trabalho”, direcionando-lhes e enriquecendo cognitivamente e culturalmente o repertório das práticas acadêmicas.

A seguir, apresentaremos o relato de experiência que fundamenta as reflexões aqui desenvolvidas.

## 1 ADENTRANDO AO INSTITUTO DO MUSEU JAGUARIBANO

O Museu Jaguaribano e suas histórias [...] priorizam a imaginação e a criatividade de cada pessoa.

Rosa, 18 anos, educanda da disciplina de Metodologia Científica

Em uma manhã ensolarada do dia 16 de abril do ano de 2016, na cidade dos “bons ventos”, conhecida como Aracati, participamos em conjunto com as duas turmas da disciplina de *Metodologia Científica*, lecionada pela professora Dr<sup>a</sup> Abda Medeiros, nos cursos de *Administração e Enfermagem*, da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). A referida atividade fazia parte das atividades pedagógicas, compreendida como *visita de campo*, na qual os educandos tiveram a oportunidade de potencializar os conhecimentos adquiridos em classe mediante as experiências da vida cotidiana, no caso específico, num equipamento cultural denominado *Instituto do Museu Jaguaribano*.

O *Instituto do Museu Jaguaribano* está localizado na antiga residência de José Pereira da Graça, conhecido como Barão de Aracati, mais precisamente à Rua Coronel Alexanzito, nº 743, conhecida pelos aracatienses como “Rua Grande” ou antiga “Rua do Comércio”. Ao avistá-lo, percebe-se que é um edifício que faz parte do conjunto arquitetônico, tombado pelo patrimônio histórico, característico da referida rua<sup>6</sup>. Sendo assim, este equipamento cultural é formado por quatro pavimentos, sendo que o mais alto é o sótão, de onde se tem uma vista para os telhados das casas da cidade de Aracati, as torres das igrejas, o *Rio Jaguaribe*<sup>7</sup> e as dunas. A fachada é revestida por azulejos portugueses estampilhados da era colonial e as paredes dos salões são decoradas por pinturas artísticas.

---

6 Alguns bens no município de Aracati estão sob a lei de tombamento e preservação do patrimônio histórico estadual, dentre eles o Solar do Barão do Aracati, onde funciona atualmente o Instituto do Museu Jaguaribano, cujo art. 1º de seu Estatuto de 1971 e de 1984 cita: Art.1º O Instituto do Museu Jaguaribano, sociedade civil, sem cor, político-partidária, ideológica ou religiosa, com sede na cidade de Aracati, Estado do Ceará, fundado em 15 de novembro de 1968, tem por finalidade precípua a preservação do patrimônio histórico e acervo cultural da zona Jaguaribana através do Museu Jaguaribano e do Arquivo do Jaguaribe a ele anexo (ESTATUTO, 1984, p. 6).

7 O Rio Jaguaribe é um rio brasileiro que banha os estados do Ceará e de Pernambuco. Este rio é fundamental para a economia da cidade de Aracati, tendo em vista que o primeiro ciclo econômico da cidade foi a pecuária realizada às margens deste rio e, além disso, anos depois, foi construído um porto por onde eram feitas as exportações, gerando renda para a cidade. Mais informações disponíveis no site <http://aracati.net/>. Acesso em: 05 nov. 2016.

Ao adentrar no local, percebemos três senhoras dispostas atrás de um balcão. Próximo a este, outro continha livros, revistas e artesanatos expostos feitos com matéria prima cujas temáticas retratavam a história do lugar. No lado direito, já se encontravam alguns alunos conversando de forma bem descontraída, aguardando o momento de se iniciar a visita. Com a chegada dos outros educandos das duas turmas e da professora, todos que ali estavam se organizaram e fizeram o pagamento da taxa para entrada.

Com o término desses pagamentos, a educadora orientou os acadêmicos sobre a importância de se manterem atentos as explicações, com o intuito de apreender de forma significativa os conhecimentos. A partir desse momento, uma das responsáveis pelas visitas ao Instituto, dispôs-se à frente e iniciou a apresentação. A mesma começou sua fala retratando a história do surgimento do *Instituto do Museu Jaguaribano*.

A monitora do Museu iniciou sua fala no início do corredor, presente ao lado do balcão, onde ficam as funcionárias. Observamos que as paredes desse corredor são preenchidas por *banners* contando a trajetória histórica da cidade e do referido equipamento. Ela relatou que o *Instituto do Museu Jaguaribano* foi criado em 15 de novembro de 1968 e inaugurado em 22 de dezembro do mesmo ano, tendo por objetivo classificar, catalogar, expor, conservar e restaurar móveis, alfaias e objetos de artes considerados com valor histórico, artístico ou arquitetônico para o povo aracatiense. Durante todo o percurso a maioria dos educandos fotografavam tudo o que estava sendo exposto, sendo que alguns também registravam por escrito as informações.

Ao terminar essa fala inicial, a turma foi dividida em grupos, sendo que para cada grupo ficou uma guia do museu responsável pelas orientações. Dando continuidade à visita, passando pelo corredor, virando à direita, encontra-se a Biblioteca. A monitora mencionou que os arquivos da mesma foram adquiridos através de doações feitas pelo Sr. Hélio Idelburque Carneiro Leal<sup>8</sup> que doou o acervo que pertenceu ao seu pai o Desembargador Cláudio Idelburque Carneiro Leal, formado por 12.621 livros, contendo obras das áreas de Direito, História, Geografia, Religião, Arquitetura, Literatura, dentre outros títulos.

Mais a frente, vê-se o pátio com objetos de guerra, ancora de embarcações naufragadas na foz do *Rio Jaguaribe*, peças de artilharia que remontam ao século XVIII,

---

8 Helio Idelburque Carneiro Leal, sócio fundador e ex-presidente do Instituto do Museu Jaguaribano, crítico resoluto dos atentados ao patrimônio cultural da cidade de Aracati. Natural de Fortaleza, Estado do Ceará, filho de Cláudio Ideburque Carneiro Leal Filho e Hermelinda Menescal Carneiro Leal. Mais informações disponíveis no site <http://aracati.net/>. Acesso em: 05 nov. 2016.

instrumentos usados por indígenas da região cearense conhecida como Ibiapaba<sup>9</sup> e algumas estátuas. Ao sair desta sala, virando à direita, deparamo-nos com o ambiente que representa a economia do *Vale do Jaguaribe*, mostrando cada fase econômica que perpassou a cidade de Aracati por meio de imagens e objetos utilizados nas épocas referidas. Foi visto que a primeira atividade econômica, que inclusive serviu como meio para o início da ocupação territorial, remete-se à *pecuária* desenvolvida pelos colonizadores às margens do Rio Jaguaribe, sendo expandida para o interior do estado.

Vale ressaltar o ciclo econômico das *charqueadas* que surgiram como uma opção mais prática e barata para a distribuição da carne produzida na região sendo distribuída para várias regiões. E neste período existiram até fábricas para o beneficiamento da carne e do couro bovino. Este momento da economia local entrou em declínio com a chegada das grandes secas e com isso os produtores se deslocaram para a região sul do país.

O *algodão* foi outro ciclo econômico que utilizava o porto de Aracati para o transporte da produção algodoeira do Ceará. Em seguida, veio o da *carnaúba*, no qual várias famílias mantinham grandes plantações de carnaúba, sendo chamados de *Coronéis do Carnaubal*. Nos dias atuais, esta planta é muito utilizada na confecção de artesanato para a exportação. Cita-se, também, o período do *sal*, pois Aracati já possuiu a maior salina “a céu aberto” do mundo, chamada Canoé.

Outra etapa econômica referendada foi a do *caju*, sendo a cidade reconhecida como a maior produtora deste à época. Desse modo, Aracati teve um grande crescimento econômico neste período de grande valorização da castanha, instalando-se na mesma três indústrias de beneficiamento. Já a *lagosta* fez parte de outra fase econômica de renda para a cidade, pois no seu auge a cidade de Aracati contava com a maior frota pesqueira do Ceará.

Com seu extenso e belíssimo litoral, a cidade dos “bons ventos” tem o turismo como um forte desenvolvedor de renda, contando com a famosa praia de *Canoa Quebrada* e muitas outras praias, o *Hotel Porto Canoa* e os *casarões* de características coloniais, Aracati é um atrativo para turistas de todo o mundo. Atualmente a criação de camarão em cativeiro é relevante para o desenvolvimento econômico de Aracati, em pequenas e

---

9 A Serra da Ibiapaba, também conhecida por Serra Grande, é um dos principais polos de desenvolvimento do Noroeste do Estado. Está localizada a cerca de 330 quilômetros de Fortaleza. A região que é formada por nove municípios é referência na produção e comercialização de flores, frutas e hortaliças para todo o Ceará e outros Estados. Mais Informações no site [www.diariodonordeste.com.br](http://www.diariodonordeste.com.br). Acesso em: 05 nov. 2016.

grandes propriedades, apesar das críticas recebidas por ambientalistas e certos setores da sociedade civil. A produção é quase exclusivamente voltada à exportação para o Japão.

Continuando o percurso, encontra-se uma sala de leitura com uma mesa redonda em tamanho grande. Seguindo adiante, ascendemos em uma escada helicoidal de ferro enroscada em forma de parafuso ou caracol que proporciona acesso do primeiro ao segundo pavimento do *Solar Barão de Aracati*. Também denominada escada em espiral (cada uma das voltas da espiral corresponde a uma variação do ângulo polar igual a 360°, segundo o dicionário Caldas Aulette, não tem eixo central de apoio, merecendo registro a técnica especial utilizada para sua sustentação que foge aos padrões usualmente utilizados). A fim de evitar o desgaste da construção, a guia orientou que a equipe se dividisse em duplas para o deslocamento nas mesmas.

Ao subir as escadas, chegou-se no compartimento da sala de jantar, sala de estar e alguns outros cômodos. A sala de estar é decorada com dez cadeiras de madeira envernizada, com o assento de *nylon*, com uma estrutura bem estreita, dispostas em forma de círculo, tendo no centro um grande tapete e próximo a elas um objeto que servia para as pessoas da época cuspir. Nas paredes colocaram uns quadros com fotografias dos antigos donos da casa e alguns outros personagens da cidade de grande prestígio na época. Próximo a este cômodo da casa, avista-se uma televisão e uma radiola projetados em madeira. A monitora do Instituto mencionou que quando alguém tinha uma televisão em casa era sinal de riqueza, assim as pessoas carentes que eram próximas aos que tinham esse aparelho, pediam para ir assistir nessas residências, construindo-se assim, possíveis diálogos e diversões.

Entre a sala de estar e a sala das refeições, existe um quarto que é o ambiente onde a mãe paria os seus filhos e passava todo o período pós-parto no mesmo. É composto por uma cama, um criado mudo, berço, penico, uma passagem secreta utilizada pelo marido quando queria ter momentos íntimos com a sua esposa, sem os outros filhos tomarem conhecimento.

A sala das refeições é formada por uma mesa de madeira envernizada, com estrutura para dez lugares. Ao lado dela, avista-se um armário feito do mesmo material com detalhes de vidro, utilizado para se guardar os utensílios de louça e vidros mais refinados, usados apenas nos momentos em que se recebiam visitas. Já outro armário disposto no outro lado da mesa, guardam os objetos usados no dia a dia. Todos esses

objetos são oriundos da paróquia da cidade, da Diocese de Limoeiro do Norte distante a 103,7 km de Aracati/CE, bem como de algumas famílias abastadas da cidade.

Nas laterais deste corredor são encontradas a sala de tear, onde se vê uma máquina de costura antiga; um quarto com uma cama e uma penteadeira, na qual estão guardados perfumes e cosméticos da época; a cozinha que é formada por uma geladeira grande de cor amarela clara, panelas de barro, uma mesa de madeira com bancos grandes nas laterais, fogão a lenha e outros utensílios domésticos; e, por fim, a sala do dentista na qual se observa o maquinário utilizado por profissionais à época para realizar os procedimentos dentários, como agulhas, ampolas, maca entre outros.

O cômodo vizinho a este, destina-se à exposição de artes sacras do século XVIII que vieram de Portugal, muitas em estilo *Barroco*<sup>10</sup>, outras em madeira policromada banhadas à água de ouro e alguns têm o seu esplendor de prata. Chegando lá, a guia do Museu informou aos alunos que não poderiam mais tirar fotos, pois os objetos ali presentes têm um grande valor econômico e não poderiam ser expostos.

Em um armário de roupa, encontram-se diversas vestimentas de padres e bispos, doados pela Igreja Católica da cidade. Já no outro cômodo, percebem-se várias cadeiras dispostas em forma circular, parecida com outros ambientes da casa; em um dos lados deste ambiente um piano em modelo antigo. Vale ressaltar que deste local podia-se ver todo o movimento da residência.

Por dentro do Museu, subindo em outra escada, chega-se na sala de aula composta por cadeiras dispostas em filas, o birô da professora é posto na parte da frente perto do quadro negro, sendo que o piso no qual este objeto se encontra é mais elevado que o do restante da sala. Como uma representação da professora, apresenta-se uma boneca vestida em um vestido escuro, cabelos longos e pele pálida. Na parede apresenta uma palmatória dependurada em um prego próximo ao quadro. E concluindo o trajeto, seguindo mais a frente, encontra-se um escritório. Ao chegar ao final da trajetória a turma se reuniu com a educadora da disciplina e registraram o momento com algumas fotografias, sendo a eles solicitada uma síntese da experiência vivenciada no *Instituto do Museu Jaguaribano*.

---

10 Barroco é um estilo artístico que vigorou no entre os séculos XVII e XVIII caracterizado pela abundância de ornamentos, linhas curvas e expressões de movimento. Mais informações no Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Fonte: HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

## 2 ALEGORIAS DO COTIDIANO NO INSTITUTO DO MUSEU JAGUARIBANO

Quando se pensa ou fala sobre Museu, logo o pensamento se remete a um conceito de que é um espaço que serve para relembrar a construção histórica de determinada região, contemplando as esferas sociais, culturais, econômicas e políticas. Sabe-se que as memórias presentes neste âmbito sofrem influências através dos pontos determinantes para os sócio-fundadores. Deste modo, o espaço do Museu é organizado através do ponto de vista dos seus responsáveis, apresentando aquilo que eles acreditam serem fatores significativos na história daquele local.

Sob essa perspectiva, nota-se que no *Instituto do Museu Jaguaribano* da cidade de Aracati/CE, vê-se grande influência econômica na organização dos seus espaços e em suas exposições. Tendo em vista que os reflexos e as memórias da economia estavam bem presentes nas paredes e nos objetos daquele recinto, percebeu-se que em grande maioria o que é retratado ali, é um espelho da vida cotidiana das famílias com alto poder aquisitivo; em contrapartida, vê-se uma minoria dos artefatos que expressam a vida de pessoas que pertencem ao tipo de renda baixa. Vale salientar que durante as explicações das monitoras do Museu, percebe-se que suas falas são voltadas para a vida das pessoas que tinham prestígio social, pouco abordando sobre a vida social em geral.

Em épocas remotas, os aspectos arquitetônicos das casas da cidade de Aracati demonstravam o prestígio econômico daquela família. Sobre isso, Leal afirma que o

[...] telhado para a frente, de bica, beira e sobre-beira, se era, de um lado, uma adaptação ao clima, era de outra parte, também, um símbolo de status social. Os mais modestos não passavam da bica, os melhores em situação financeira poderiam ter bica e a beira; só os mais remediados, de posição social mais elevada, tinham condições para ter, além da bica, a beira e a sobre-beira (LEAL, 1995, p.102).

Desse modo, antes de adentrar ao espaço do Museu é possível perceber os seus marcantes aspectos arquitetônicos bem preservados pelo IPHAN. Vê-se que a fachada é revestida de azulejos portugueses fazendo relembrar a presença real no Brasil e da sua cultura. Interiorizando, observa-se uma exuberante e famosa escada espiral, forro feito de carnaúba com barro, instalação de água feita em barro, assim como as telhas. De acordo

com a Monitora do Museu, as telhas eram feitas sobre as pernas dos escravos e postas para secar ao sol.

Os espaços do Museu dizem muito sobre a sociedade aracatiense, assim como os objetos, pisos etc, tendo em vista que a construção deste foi desenvolvida através da reconstrução de espaços da vida cotidiana de cidadãos da referida cidade. Desta forma, possibilitando as pessoas conhecerem como era a cidade em determinadas épocas, como alegorias que aludem as diferentes formas daqueles indivíduos se produzirem socialmente.

Sabe-se que é preciso conhecer o passado, para se aprimorar no presente e pensar na construção do futuro. Mas, para isso é necessário conhecer um passado vivo, com as múltiplas vivências dos cidadãos. Nos espaços que configuram o *Instituto do Museu Jaguaribano* é possível observar como era a rotina dos cidadãos com um grande poder aquisitivo, levando em consideração que o espaço onde fica localizado era a casa do *Barão de Aracati*. Além disso, no referido equipamento cultural, observa-se objetos de um antigo dentista da cidade, vestimentas de um Padre, artefatos do conhecido mundialmente pianista Jacques Klein, filho da cidade, mas que nunca retornou para tocar nesta.

O cotidiano das pessoas mostra as suas práticas culturais, sendo percebidas nas formas de pensar, agir e refletir de determinada região, entendidas como produções históricas e sociais dos sujeitos. Assim, por meio dos espaços do Museu, nota-se o quanto a sociedade aracatiense, no período colonial, participava não só como a mais rica da província, mas também, como influente centro de cultura, a exemplo, dos aspectos arquitetônicos e inovadores percebidos em algumas casas de sobrado, praças, igrejas e monumentos.

Girão (1989) afirma que “a riqueza e o contato com as gentes mais civilizadas fizeram dos aracatienses os homens mais notáveis da capitania, não só no trajar, nas artes, nas letras e nas ciências, mas nos negócios” (Girão, 1989, p. 69). Desse modo, naquela época, ser natural de Aracati gerava muito prestígio, *status* e significativa mobilidade econômica, antes de tudo, condicionada pelo repertório simbólico dos quais dispunham esses indivíduos.

No próximo tópico, refletiremos sobre o papel da vivência experienciada no *Instituto do Museu Jaguaribano* como possibilidade de ressignificação nas práticas pedagógicas, tendo como fio condutor a ideia de que metodologia do conhecimento científico, além de organização, planejamento e transmissão desse saber, perpassa por algo denominado por Rubem Alves como *educação das sensibilidades*.

### **3 EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES: MEDIAÇÕES ENTRE EDUCADOR, EDUCANDOS E MONITORES**

Por meio da análise dos trabalhos realizados pelos acadêmicos assistidos pelo *Programa de Monitoria*, viu-se a significativa importância de se desenvolver experiências extramuros à sala de aula. Tendo em vista que estas possibilitam aos mesmos perceberem os conteúdos teóricos no meio social em que se está inserido, no caso, por meio de uma síntese a ser elaborada, nada melhor que a realização de uma visita aos espaços do *Instituto do Museu Jaguaribano*, local este, repleto de histórias que retratam a magia de viver em tempos passados na cidade dos “bons ventos”, Aracati/CE. Como Freire afirma

[...] não é possível a qualquer indivíduo inserir-se num processo de transformação social sem entregar-se inteiramente a conhecer, como resultado do próprio processo de transformar; mas, também, ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialético porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar, ele precisa conhecer um pouco (FREIRE, 1987, p. 265).

Percebe-se a importância desta ação nos relatos dos próprios alunos, expostos na síntese solicitada pela educadora.

O acervo muito bem preservado, de qualidade, faz do museu uma verdadeira máquina do tempo, onde viajamos para o passado vendo a riqueza de nossa região, colocando-se também o propósito de produzir conhecimento sobre o lugar e a importância do patrimônio na vida social da cidade e sobre as pessoas

que se estabelecem entre história e memória do Aracati e localidades vizinhas. Diante de tanta riqueza que conta a história de nossa cidade, é notória a valorização de cada pedaço do museu, cada cômodo traz um pouco de como nossos antepassados viviam, a mobília os vestuários, as imagens sacras, tudo é uma viagem no tempo e olhando para cada registro ali notado podemos perceber que o que se guarda e se preserva garante colocar o presente sempre em Total Harmonia com o passado (Marina, 19 anos).

Assim, o Museu, vai muito além de um simples espaço cultural da cidade, ele é um patrimônio cultural que conta as transformações vivenciadas pela e na cidade. Já o aluno Antônio, 18 anos, frisou a relevância dos ciclos econômicos como algo que lhe despertou a atenção e possibilitou compreender os itinerários econômicos pelos quais Aracati e a Região Jaguaribana vivenciou. Diz ele: “A região jaguaribana antigamente passou por vários ciclos econômicos, dentre eles eram o ciclo do gado, do algodão, da cana-de-açúcar, do sal e o ciclo da Carnaúba, conclui.

Sob a perspectiva de que experiências extramuros à sala de aula potencializam a percepção, a reflexão e novos devires nas formas de se fazer educação, surge nos *intermezzos* da relação entre o momento vivenciado e os sujeitos que o mediam, outra interpretação sobre o “eu individual” e o “eu coletivo”, ressignificando hiatos e fraturas da trajetória dos indivíduos. No relato da aluna Ana Maria, 20 anos, percebe-se esses despertares e o aguçar de uma crítica sobre os próprios processos de produção de sentidos e significados até então conhecidos.

Três pontos que chamaram bastante atenção foram o primeiro que falava sobre a Rua Dragão do Mar que as pessoas conhecem como sendo a Rua da Broadway em Canoa Quebrada que pouquíssimas pessoas sabem que se chama assim, segundo a guia do museu, pois seria uma tentativa que antigamente o governo buscou para esconder o fato que o senhor Dragão do Mar era um homem negro. O segundo foi sobre um quarto que representava como a mulher de antigamente era tratada durante seu resguardo, ela ficava em um quarto sozinha durante esse tempo, pois era tida como impura. Uma coisa realmente interessante era que os escravos que retiravam os dejetos eram chamados tigras, eram chamados assim porque eles levavam os dejetos nas costas, assim acabavam escorrendo, provocando assim manchas na pele, por isso o nome tigre (Ana Maria, 20 anos).

Observa-se que os educandos notam a grande influência econômica nos espaços do Museu, tendo em vista que, em grande maioria, veem-se fragmentos da realidade de famílias que detinham o grande poderio econômico e raríssimas informações sobre a população de baixo poder aquisitivo; e quando esta é mencionada, são tratados como escravos. O trecho escrito pela educanda *aponta, acusa e chama a atenção* para os olhares dos segmentos mais abastados da sociedade aracatiense para com os cidadãos que tinham melanina forte em seus tons de pele. Assim, percebe-se que esta visão preconceituosa não está distante, sendo que as presenças de maus tratos físicos e psicológicos, legitimados por uma severa indiferença social, perpassam a nossa realidade desde as vísceras da formação social. Desse modo, é preciso se repensar os valores sociais enquanto cidadãos, a fim de que a sociedade passe a ver “o outro” sob a perspectiva de igualdade, em vez de ameaça.

Ainda nesta *experiência-ação* fora da sala de aula institucional, outra vivência significativa foi a proposta da educadora responsável pela disciplina de *Metodologia Científica*, ao solicitar que os acadêmicos relacionassem os conhecimentos adquiridos por meio da vivência no *Instituto do Museu Jaguaribano* aos sistemas de conhecimentos estudados em classe, a saber: *senso comum, científico, filosófico, artístico e mágico-religioso*. De acordo com Rubem Alves (1981), o senso comum e a ciência apresentam visões muito distantes uma da outra e por este motivo, foram inventados métodos para que os desejos não corrompessem o conhecimento “objetivo da realidade”. Sabendo disso, os educandos relacionaram o conhecimento do *senso comum* a algumas coisas vistas no Museu.

O senso comum também pode ser levado em consideração. Ele é o oposto do conhecimento científico e está relacionado a saberes adquiridos através de experiências. Antigamente a forma de conhecimento era passada de geração a geração, ou seja, os antepassados aracatienses passavam seus conhecimentos sobre tudo o que já haviam vivenciado para seus filhos e netos no intuito de fazê-los terem um aprendizado não somente do local em que vivem, como também ter uma mente aberta, apta aos desafios da sociedade (João, 17 anos).

Já a respeito do conhecimento artístico que prioriza a imaginação e criatividade, a aluna Francisca, 20 anos, concluiu que as expressões do mesmo estão impressas nos “inúmeros objetos artesanais, sendo eles uma moto produzida de madeira, além de pinturas bastante sofisticadas relacionadas com a vida do povo que vivia naquela época.” O educando Alúcio, 21 anos, complementa ao evocar uma poética do espaço-tempo no *Instituto do Museu Jaguaribano*. Diz ele

pinturas, estatuetas, objetos cunhados a mão, entre tantos outros exemplos nos mostram a realidade dos tempos passados e nos põe a imaginar automaticamente como seria a vida e trabalho de quem fez e ainda faz história, passando assim um filme na memória de quem valoriza a cultura patriarca, observando os fatos e passagens e absorvendo muitas informações fenomenais que despertam o interesse e curiosidade dos visitantes, fazendo assim do mesmo um conhecedor de algo novo para olhos de quem nem sonhava naquela época vivenciar (Alúcio, 21 anos).

Antes da aula de campo, refletimos em classe sobre o conhecimento filosófico que, segundo Markoni e Lakatos (2003), foca na dedução lógica dos fatos, estimulado por grandes indagações. Sob essa perspectiva o educando Romildo, 19 anos, destacou que “todos que ouviram alguma coisa que lhes chamou atenção, provavelmente, desenvolveram algum tipo de curiosidade ou questionamento, sendo assim, tudo o que foi apresentado através da guia no museu são de grande valia para nossa educação cultural e social”, conclui.

Ainda em alusão aos estudos teóricos, viu-se que o conhecimento mágico-religioso apoia-se em proposições sagradas, enfocando aspectos transcendentais fundamentados em dogmas. Deste modo, a graduanda Vanda, 20 anos, percebeu que os “oratórios são muito comuns nas casas antigas e em muitas das salas era possível de se encontrar algumas delas, assim pode-se compará-los com a ciência mágico-religiosa”, afirma.

Por meio desses relatos, percebe-se que os espaços do *Instituto do Museu Jaguaribano* refletem os sistemas de conhecimento estudados por meio dos teóricos em sala de aula. Com isso, os aspectos do cotidiano presente neste equipamento cultural, possibilitaram aos educandos, a exemplo de Raimundo, 20 anos,

Conhecer cada parte daquele Museu deu para entender o seu relacionamento com os sistemas de conhecimento, pois ali não é só um lugar de peças antigas, mas o lugar de aprender, de requerer conhecimento daquele lugar que é de extrema importância no meio acadêmico. E saber a história da cidade, sua evolução dentro do capitalismo e seus triunfos que a levaram a ser o que a cidade é hoje (Raimundo, 20 anos).

É interessante pensar por meio do relato acima, o quanto se torna significativo para o educando conhecer o passado a fim de compreender o presente. Mais do que isso, apreender os dinamismos vivenciados pela cidade, no caso Aracati, uma vez que, segundo afirma Rolnik (1998, p. 16), “apreender esse movimento ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória” as hierarquias sociais, a mobília, os documentos, a arquitetura e as próprias pessoas. Mais do que isso, estabeleceu-se um alinhamento denso de forma a assentar cada um desses elementos no repertório dos sistemas de conhecimento.

Por meio de uma *síntese*, texto que traz de forma abreviada a descrição de algum acontecimento ou pessoa, observa-se a riqueza de afetos, opiniões e ações, não necessariamente em ordem cronológica, e sim, de acordo com os significados públicos que esses assumem nos mapas de sentidos atribuídos pelos indivíduos. É a escrita operando no campo da racionalidade e das potencialidades que os saberes para além da sala de aula despertam. Nesta tessitura de ideias, a monitoria entra como o tapete sobre o qual novas configurações entre ensino e aprendizagem se constituem como desenhos, linhas, combinações de cores, texturas e letras adquirindo outros significados – pessoal e profissional.

#### **4 O PROGRAMA DE MONITORIA ACADÊMICA DA FACULDADE DO VALE DO JAGUARIBE (FVJ)**

Sendo o *Programa de Monitoria Acadêmica* da FVJ uma modalidade específica de ensino e aprendizagem, perpassando a pesquisa e extensão, o enfoque dado ao planejamento, à formação e perspectiva profissional entre educador, monitor e educandos, possibilita a integração entre áreas do conhecimento, semestres diferenciados e o cumprimento de regras estabelecidas para a realização de atividades. Estas podem ser: oficinas, reforço dos conteúdos por meio dos exercícios, auxílio em laboratórios, organização de eventos, acompanhamento das aulas e vivências extraclases etc.

Vale ressaltar que para um acadêmico ser monitor de uma disciplina contemplada no *Programa de Monitoria Acadêmica* só é possível se o mesmo já houver cursado a disciplina e que demonstre capacidade para o desempenho nas atividades passíveis de serem executadas nas ações de *Iniciação à Docência*.

Desta forma, o educador responsável pela disciplina e solicitante do referido programa, auxilia o monitor em sua jornada de atuação, informando-lhe os conteúdos que estão sendo trabalhados, aqueles que os educandos sentem maior dificuldade e passando dicas sobre tantos outros, de forma a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais exitoso. Desta forma, o iniciado à docência se utiliza de seus conhecimentos e daqueles compartilhados com o educador da disciplina para fomentar sua prática.

Sendo assim, as práticas de *Iniciação à Docência* contribuem para a ampliação de saberes da comunidade discente acadêmica sobre a disciplina alusiva ao método científico, mostrando que a mesma não se restringe à esfera acadêmica, incluindo-se os trabalhos extramuros que ampliam a qualificação teórica e profissional dos monitores.

Por meio dessas vivências, pode-se refletir a relevância significativa de um *Programa de Monitoria* numa Instituição Superior de Ensino (IES) como a FVJ. Schneider (2006), afirma que “o trabalho de monitoria pretende contribuir com o desenvolvimento da competência pedagógica e auxiliar os acadêmicos na apreensão e produção do

conhecimento” (SCHNEIDER, 2006, p. 65). O programa é inserido no planejamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão dos respectivos cursos da instituição.

Atualmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei Nº 9.394/96) legitima a importância da atividade de *Iniciação à Docência* na formação dos estudantes do ensino superior quando prevê que “os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de *monitoria*, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos” (BRASIL, 1996, Art. 84).

De acordo com a LDB, os educandos do nível superior podem desenvolver ações participando do *Programa de Monitoria Acadêmica*, tendo em vista que poderão ajudar aos outros acadêmicos a enriquecerem seus conhecimentos referentes à disciplina monitorada e, além disso, os monitores tem a oportunidade de ministrar aulas dentro da academia, assim ampliando suas aprendizagens.

Nesse espaço de tempo em que participam do programa é possível se descobrirem profissionalmente para o ambiente de ensino de nível superior. Além disso, desenvolvem relações de ensino-aprendizagem não só com o educador da disciplina, mas com os educandos que a cursam. Segundo Freire (2007, p. 23), “[...] não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, conclui.

Assim, a atuação da *Monitoria Acadêmica* nas ações desenvolvidas pela Faculdade, especificamente na FVJ, potencializa o ato de aprender. Tendo em vista a sua complexidade é exigido um estudo que ultrapassa as vias da cognição, incluindo o afetivo/emocional, expandindo-se em visões sobre culturas, pulsando despertares frente à diversidade de saberes e as singularidades humanas.

É uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, na medida em que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziriam a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estáveis se tornasse o equilíbrio (PIAGET, 1990 p.12).

Percebe-se que é necessário que se tenha conhecimento de que o ato de aprender não é algo apenas individual, mas sim, que emana das possibilidades de desenvolvimento, da construção e aquisição do mundo que o cerca. Para Barreto

[...] o conhecimento é produto das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Nestas relações homens e mulheres são desafiados a encontrar soluções para situações para as quais é preciso dar respostas adequadas. A cada resposta novas situações se apresentam e outros desafios vão se sucedendo. Estas respostas e suas consequências representam experiência adquirida e constituem o conhecimento das pessoas. São registradas na memória e ajudarão a construir novas respostas. Portanto as pessoas são sujeitos e não objeto nesse processo de conhecimento (BARRETO, 2003, p. 60).

Sendo assim, fica clara a importância das ações desenvolvidas pelo *Programa de Monitoria* da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), tendo em vista que tanto os monitores, educadores da Instituição e educandos que participam das ações apreendem os conhecimentos a seu modo, do seu jeito, dentro de seu ritmo e tempo. Através das intervenções internas e/ou externas da *Iniciação à Docência*, todos os envolvidos, seja direta ou indiretamente, motivam-se para uma forma muito especial de aprender cujo olhar e movimentos teórico-empíricos sejam libertários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ) é uma instituição de nível superior que visa o crescimento profissional de seus alunos, visando ampliar o nível teórico e prático dos profissionais que forma, sempre pensando na formação e atuação de indivíduos que se descubram *líderes, sujeitos de sua própria história*.

Sendo assim, o *Programa de Monitoria Acadêmica*, especialmente na matéria aqui citada, *Metodologia Científica* possibilita aos monitores novos conhecimentos voltados para a disciplina e para outras áreas, acesso a leituras de diversos textos propostos

pelo docente, o contato inicial com educandos de outros períodos e de outras áreas da Graduação, no qual estes traziam questões ainda embasadas no senso comum e com isso fez-se necessário o processo de desconstrução dessas questões.

A experiência adquirida nas ações desenvolvidas na disciplina de *Metodologia Científica* proporciona aos que dela participam – educador, educandos e monitores - uma prática docente positiva, com reflexões críticas sobre os conteúdos, desenvolvimento de uma didática e metodologias de ensino através da mediação de conhecimento docente.

A matéria até então estigmatizada como “para que serve isso”, como muitos educandos questionam, torna-se atrativa e envolvente, sem perder o compromisso com o rigor e a criatividade na elaboração dos trabalhos. Além disso, proporciona novos olhares sobre diferentes tipos de conhecimento que orquestram a cognição, as ações e a afetividade entre educandos, educadores e monitores, contribuindo significativamente na formação profissional e pessoal de cada indivíduo, tendo na *educação das sensibilidades*, conforme propõe Rubem Alves, o referencial transformador que mobiliza resistências nas formas de ser, pensar e agir dos mesmos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência - Introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ANTONIO, Melquíades Jr. Exposições de fotos antigas retratam história de Aracati. Diário do Nordeste, Ceará, Out. 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/exposicoes-de-fotos-antigas-retratam-historia-de-aracati-1.379112>. Acesso em: 11 mai. 2016.

ARACATI, Informações Completas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230110>>. Acesso em: 24 out. 2016.

BRASIL. Assembleia Geral, de 13 de out. De 1973. Estabelece que são considerados sócio-fundadores do Instituto do Museu Jaguaribano os que se associaram a ideia da organização do Instituto no ato de sua fundação e assinaram a respectiva ata. **Instituto do Museu Jaguaribano**. Ceará, 1984.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394**. Brasília, DF: MEC, 1996.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para Educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

ESTATUTO. Instituto do Museu Jaguaribano. Imprensa Oficial do Ceará. 1984.

ESTATUTO. Instituto do Museu Jaguaribano. Imprensa Oficial do Ceará. 1971.

FARIAS, Alex da Silva. Memória, Cidade e Discurso na Construção Histórica do Museu Jaguaribano. In: **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E SOCIAL**, 17, 2013, Natal. **Memória, Cidade e Discurso na Construção Histórica do Museu Jaguaribano**. Natal, 2013. 10 p.

\_\_\_\_\_. **Memória, Patrimônio e Sujeitos Sociais na Construção Histórica do Instituto do Museu Jaguaribano (1965 – 1985)**. Fortaleza, 2015. 100 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Da conquista à implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do Siará Grande. In: SOUZA, Simone (org.) **História do Ceará – Fortaleza: UFC/ Fundação Demócrito Rocha**. 1989.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEAL, Hélio Idelburque Carneiro. **Singelo documentário de alguns atentados ao patrimônio cultural de Aracati 1940 – 1994**. UNIFOR: Fortaleza, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda, 1990.

REIS, Luís. **Ciclos econômicos**. Disponível em:  
<[http://www.aracati.net/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=253:ciclosec-omonicos&catid=39:economia&Itemid=58](http://www.aracati.net/site/index.php?option=com_content&view=article&id=253:ciclosec-omonicos&catid=39:economia&Itemid=58)> Acesso em: 28 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Helio Idelburque Carneiro Leal**. Disponível em:  
<[http://aracati.net/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=184:helio-idelburque-carneiro-leal-&catid=34:biografias&Itemid=53](http://aracati.net/site/index.php?option=com_content&view=article&id=184:helio-idelburque-carneiro-leal-&catid=34:biografias&Itemid=53)>. Acesso em: 23 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Instituto do Museu Jaguaribano.** Disponível em:  
<[http://aracati.net/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=187:o-instituto-do-museu-jaguaribano-&catid=43:patrimonio&Itemid=62](http://aracati.net/site/index.php?option=com_content&view=article&id=187:o-instituto-do-museu-jaguaribano-&catid=43:patrimonio&Itemid=62)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1998 (Coleção Primeiros Passos, 203).

SCHNEIDER, M. S. P. S. **Monitoria:** instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, 5ª Ed. v. Mensal, p. 65, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD & LAHAYE. **Os professores face ao saber:** Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria & Educação nº 4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.

VACHER, Monsieur Grégory. Mesorregião do Jaguaribe. Cidade-Brasil, França, Nov. 2012. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-jaguaribe.html>>. Acesso em: 05 nov. 2016.